



O PROFISSIONAL DE APOIO ESCOLAR NA INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E EXPERIÊNCIAS VIVIDAS EM SALA DE AULA

FARIAS, Matheus da Silva¹
Costa, Chiara Maria Silva da²

Grupo de trabalho (GT 9): Educação Especial e Inclusão de Pessoas com Deficiência

RESUMO

O relato de experiência descreve o acompanhamento de uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA), grau 3 e não verbal, no contexto da inclusão escolar. A atuação como Profissional de Apoio Escolar (PAE) evidenciou a importância do planejamento pedagógico, da sensibilidade e do envolvimento familiar para favorecer vínculos e aprendizagens. As contribuições teóricas de Freud possibilitaram compreender o papel do afeto e da regulação emocional, enquanto Vygotsky ressaltou a mediação social e a Zona de Desenvolvimento Proximal como fundamentais ao desenvolvimento. Observou-se maior engajamento da criança em atividades artísticas e sensoriais, especialmente nas pinturas, que despertavam prazer, criatividade e expressão simbólica. Houve ainda avanços na interação com os colegas, mostrando que a inclusão é resultado de práticas individualizadas e humanizadas, capazes de valorizar as potencialidades do estudante.

Palavras-chave: Inclusão; Autismo; Afeto; Mediação; Educação.

INTRODUÇÃO

O presente relato tem como objetivo compartilhar a experiência vivida no acompanhamento de uma criança com TEA, grau 3 e não verbal, destacando estratégias utilizadas, observações realizadas e os avanços alcançados no processo de inclusão. Desde o primeiro contato, foi possível perceber que a criança apresentava características singulares, como sua organização, sensibilidade aos estímulos do ambiente, preferência por brincadeiras de construção e grande interesse por atividades artísticas, especialmente pinturas. A cada instante, ao trocar as cores e explorar os materiais, a criança demonstrava não apenas prazer estético, mas também capacidade de expressão e comunicação não verbal.

Outro aspecto relevante foi a participação ativa da família, em especial da mãe, que acompanhou os primeiros dias de adaptação, reforçando o vínculo afetivo e proporcionando segurança emocional. Essa presença foi essencial para compreender que a inclusão escolar não se sustenta apenas no espaço da sala de aula, mas precisa envolver a rede de apoio familiar como parte integrante do processo.

¹. Universidade Federal de Alagoas. matheusfariasmcz@gmail.com

². CMEI Edvaldo Albuquerque dos Santos. Kicosta10@hotmail.com





Para fundamentar a experiência relatada, foram utilizadas contribuições teóricas de autores como Freud e Vygotsky. Freud permite refletir sobre o papel do afeto, da sublimação e do brincar no desenvolvimento infantil, enquanto Vygotsky destaca a mediação social, a importância da linguagem e da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) na construção do conhecimento. Além disso, o "Guia de Educação Especial para a Inclusão na Rede Municipal de Ensino de Maceió" (2015) reforça a importância de práticas pedagógicas planejadas e flexíveis, sustentadas em princípios legais e éticos, como o direito à educação inclusiva previsto na Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015).

OBJETIVOS

Objetivo geral:

Relatar e analisar a experiência de acompanhamento de uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA), grau 3 e não verbal, no contexto escolar, destacando as estratégias pedagógicas utilizadas, os avanços observados e a fundamentação teórica que sustenta a prática inclusiva.

Objetivos específicos:

Observar as interações da criança com colegas, equipe pedagógica e família.

Identificar atividades que favoreçam comunicação, participação e desenvolvimento sensorial.

Refletir sobre a importância do afeto e da mediação social, segundo Freud e Vygotsky.

Analizar o papel do PAE na promoção da inclusão e autonomia da criança.

Relacionar a prática com o Guia de Educação Especial para a Inclusão na Rede Municipal de Ensino de Maceió e a legislação vigente.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Sigmund Freud (2011) ressalta que o desenvolvimento psíquico da criança é profundamente influenciado pelas primeiras experiências afetivas e pelas relações com o ambiente. O ego se constitui a partir da interação com o outro, sendo que mecanismos



inconscientes regulam grande parte do comportamento. No caso da criança acompanhada, gestos como acariciar a barba do PAE podem ser compreendidos como mecanismos de autorregulação emocional, evidenciando o corpo como meio de comunicação e expressão afetiva.

Freud também enfatiza a importância do brincar, que permite à criança elaborar experiências internas e externas, canalizando tensões e construindo significados. As atividades lúdicas e artísticas observadas durante a prática pedagógica constituíram momentos de elaboração simbólica, contribuindo para o desenvolvimento emocional e social da criança.

Lev Vygotsky (1998) destaca que o desenvolvimento humano é mediado social e culturalmente, sendo a aprendizagem um processo que ocorre na Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). A mediação de adultos e pares mais experientes possibilita à criança realizar atividades que sozinha não conseguiria, ampliando suas capacidades cognitivas e sociais.

A atuação do PAE representa a função de mediador, oferecendo suporte para que a criança explore livros imagéticos, participe de jogos e atividades artísticas, ampliando sua comunicação não verbal e habilidades cognitivas. Vygotsky (2008) também enfatiza o papel do brincar como espaço de desenvolvimento simbólico, em que a criança exerce papéis sociais e constrói significados.

O Guia de Educação Especial para a Inclusão na Rede Municipal de Ensino de Maceió (2016) destaca a importância da arte como ferramenta pedagógica para o desenvolvimento de crianças com TEA, enfatizando que atividades artísticas promovem a expressão emocional, comunicação e integração social. Essa abordagem fortalece práticas inclusivas, alinhando-se às propostas de mediação social e desenvolvimento cognitivo e afetivo descritas por Vygotsky e Freud.

A Constituição Brasileira de 1988, em seu artigo 208, §3º, estabelece que "o atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino, é direito do educando com deficiência". Essa diretriz é reforçada pela Lei nº 13.146/2015 (Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência), garantindo o direito à educação inclusiva e ao atendimento educacional especializado, promovendo a participação plena da pessoa com deficiência na sociedade.



PROCEDIMENTOS ÉTICOS E METODOLÓGICOS

Este trabalho constitui-se em um relato de experiência, adotando uma abordagem qualitativa, que possibilita a análise detalhada das ações pedagógicas e dos avanços observados na criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA), grau 3 e não verbal. O método utilizado foi a observação participante, na qual estive presente no ambiente escolar, mediando atividades, interações e brincadeiras, registrando comportamentos, reações e progressos da criança ao longo das atividades.

Foram realizadas observações contínuas durante todo o período de acompanhamento, incluindo atividades individuais e coletivas, interações com os colegas e momentos de exploração sensorial e artística. Os registros foram feitos em anotações de campo detalhadas, com atenção especial às respostas emocionais, às estratégias de comunicação não verbal e à participação em atividades de pintura e jogos de construção.

RESULTADOS

No primeiro dia como PAE, a criança encontrava-se acompanhada pela mãe, que permanecia no ambiente escolar garantindo segurança e conforto emocional. A criança demonstrou-se organizada e sensível, buscando corrigir objetos fora do lugar. Gestos de afeto, como acariciar a barba do PAE, evidenciaram mecanismos de autorregulação e estabelecimento de vínculo afetivo.

Ao longo do acompanhamento, observou-se avanços na interação social com os colegas. Inicialmente reservada, a criança passou a se aproximar de outros alunos, participar de brincadeiras coletivas e compartilhar materiais, como pincéis e tintas. A atividade de pintura revelou-se especialmente significativa, com a criança trocando cores de instante em instante, expressando preferências e explorando sensações visuais e táteis. Esse comportamento demonstra evolução na comunicação não verbal, expressão emocional e engajamento nas atividades coletivas.

“O ego não é senhor em sua própria casa, mas deve contentar-se com escassas informações acerca do que se passa inconscientemente em sua mente. Os processos psíquicos inconscientes, que são inacessíveis à consciência,



são precisamente os que determinam a maior parte de nossas ações e sentimentos cotidianos."

Essa reflexão me fez compreender que as manifestações da criança como a troca constante de cores em suas pinturas ou a busca pelo contato físico para se acalmar não devem ser vistas apenas como comportamentos isolados, mas como expressões profundas de seu mundo interno. São formas simbólicas de comunicação que exigem acolhimento e interpretação sensível.

Também enfrentei desafios significativos. A comunicação não verbal exigia minha atenção constante e interpretação sensível, o que em alguns momentos foi emocionalmente desgastante. Além disso, percebi limitações estruturais, como a escassez de recursos pedagógicos e a falta de formação específica de alguns professores e colegas, que impactavam a inclusão. Isso me fez compreender que a inclusão não depende apenas de mim como PAE, mas de um trabalho articulado entre família, equipe pedagógica e instituição escolar, sempre alinhado à legislação vigente, como a Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015) e a Constituição Federal.

Segundo o Guia de Educação Especial para a Inclusão na Rede Municipal de Ensino de Maceió (2016), a arte desempenha papel fundamental na promoção da integração social e no desenvolvimento emocional de crianças com TEA, corroborando a observação da prática pedagógica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O acompanhamento da criança com TEA reforçou para mim que a inclusão escolar demanda planejamento, sensibilidade e sólida fundamentação teórica. Freud contribui para compreender o papel do afeto, do brincar e da regulação emocional, enquanto Vygotsky evidencia a importância da mediação social, da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) e do brincar como espaço de desenvolvimento simbólico.

Durante essa experiência, percebi que atividades sensoriais e artísticas promoveram maior engajamento do que a musicalização formal, o que reforça a necessidade de estratégias flexíveis e individualizadas. Além disso, a participação da família foi determinante para consolidar vínculos, favorecer a segurança emocional e ampliar as possibilidades de aprendizagem da criança.



Na minha vivência, observei também que pequenos gestos como o simples ato de a criança acariciar minha barba para se acalmar revelam a profundidade do vínculo afetivo e como ele se torna estruturante para a inclusão escolar. É nesse ponto que a psicanálise freudiana nos ajuda a entender que os processos inconscientes permeiam toda relação pedagógica.

Assim, encerro esta experiência com a convicção de que o trabalho do Profissional de Apoio Escolar vai além do suporte prático: ele é mediador de afetos, de interações sociais e de possibilidades de desenvolvimento. Cabe a nós olhar para cada criança como sujeito de direitos, com potencialidades únicas, que podem ser expandidas quando o ambiente escolar é inclusivo, sensível e fundamentado teoricamente.



REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, S. **O Ego e o Id**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GUIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL PARA A INCLUSÃO NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE MACEIÓ. Prefeitura de Maceió, 2016.

VYGOTSKY, L. S. A. formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, L. S. A imaginação e a arte na infância. São Paulo: Ática, 2008.